REVISTA DA ANPEGE. V. 18. N°. 35 — ANO 2022 E-ISSN: 1679-768X 25
DOI 10.5418/RA2022.V18I35.16032

ENTREVISTA

Entrevista com o professor Horieste Gomes

Weder David de Freitas

Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - IFG
wederfreitas@hotmail.com

Horieste Gomes irá completar em dezembro deste ano [2022] 89 anos de idade. Ainda assim é uma pessoa que está em plena atividade, participando dos encontros do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás - IHGG e da Associação dos Geógrafos Brasileiros – AGB / Seção Goiânia, produzindo publicações, atendendo a diversos convites, inclusive em conceder entrevistas. Nestes 89 anos Horieste desenvolveu inúmeras atividades, foi professor das duas maiores Universidades de Goiás (Universidade Federal de Goiás e Pontifícia Universidade Católica de Goiás), participou do Partido Comunista Brasileiro (PCB), foi ativo na AGB, foi um militante aguerrido inclusive exilado durante a ditadura militar e, dentre outras coisas, um grande pensador da Geografia. Ele escreveu diversos trabalhos, livros e artigos sobre a ciência geográfica. É, sem dúvidas, um dos geógrafos brasileiros mais importantes. Dentre todas essas qualidades existe uma que ele sempre exalta, ser torcedor do Atlético Goianiense, o Dragão.

Nesta entrevista ele fala um pouco da sua vida, de como se tornou um militante político forjado no trabalho; de sua formação humana e acadêmica; das relações que construiu durante sua vida; da sua relação com o PCB e com a AGB. Também expõe sobre a Geografia, tanto do ponto de vista da formação, quando do ponto de vista do futuro dessa ciência. É um verdadeiro aprendizado.

Resolvemos deixar a entrevista em uma linguagem informal por entender que ela é um bate papo entre o entrevistador e o entrevistado.

No mais, boa leitura!

WEDER – A primeira questão é entender um pouco sobre sua vida, chegada a Goiânia, inserção no bairro de Campinas, o trabalho. Como se deu isso?

HORIESTE - Certo. Bom a primeira questão é a minha inserção dentro da minha chegada a Goiânia, realmente no bairro de Campinas, cheguei com meus pais em dezembro de 1939, eu tinha nessa época cinco anos de idade. Então a partir dessa época de menino já com cinco, seis anos é que vem a minha caminhada digamos assim de construção, de formação, de formação infanto-juvenil, formação de adolescente e formação de pessoa madura. E aí veio à primeira escola que é muito importante na minha vida, eu considero uma das escolas mais importantes que eu tive que foi o Grupo Escolar Pedro Ludovico Teixeira.

Na sequência, eu tive uma vida ligada ao trabalho, sempre ao trabalho, eu fui marceneiro praticamente doze anos, eu aprendi a profissão com o meu pai que era mestre da marcenaria, todos nós irmãos, eram cinco irmãos, todos nós fomos marceneiros. Depois também eu trabalhei cinco anos em maquina de arroz, então eu tive uma trajetória muito ligada ao trabalho, um trabalho relativamente concreto digamos assim e isso me inseriu dentro daquela comunidade.

Nesse processo de estar ligado ao trabalho e ao estudo a minha ligação com a comunidade de Campinas aumentou. Campinas naquela época já era bairro porque já tinha perdido a sua autonomia em [19]35. Ficamos muito próximos a comunidade de Campinas, e aí vem a ligação com o Dragão, a praça Joaquim Lúcio, os lugares de Campinas, o Lago das Rosas, vêm também os movimentos estudantis.

Me parece que um importante elemento na sua formação foi sua inserção no Partido Comunista Brasileiro (PCB). Como o senhor se aproximou dessa agremiação?

Minha carreira que está ligada, a partir de 1950, aos movimentos estudantis não só em Campinas e em seguida a

minha inserção no PCB. eu fiquei conhecendo na década de 1950 vários militantes do PCB, a nossa casa tornou-se um local aberto de proteção aos perseguidos políticos, apesar do meu pai não ter nenhuma filiação política, ele permitia ampla liberdade nesse sentido. Nós recebemos vários militantes do PCB, inclusive do Nacional que ficaram alojados lá na casa dos meus pais, e com isso houve uma aprendizagem política, eu tive uma excelente aprendizagem política com aquelas pessoas. Havia vários elementos do comitê nacional, eu lembro bem do Velho, um dos elementos mais respeitados, era praticamente secretário geral, tirando a figura de Prestes era o Velho porque o Prestes foi para fora, foi para União Soviética. Tivemos vários pessoas lá, e com isso, nós tivemos uma aprendizagem também política muito boa. Aqueles indivíduos eram preparados, as falas que eles faziam durante o fim da tarde e à noite, isso ajudou na minha formação**.** E o fato também de nós termos dado abrigo a vários comunistas perseguidos na época. Eu cito no livro [Cela 14] o caso do Badú que foi perseguido e violentado. Quem cuidou do Badú quando ele foi lá em Uberlândia e foi barbaramente espancado, todos eles, foi a minha mãe que cuidou das feridas do Badú. Eu também ia nesse encontro que eles chamavam de piquenique, mas na verdade era um posicionamento político.

É um fato que eu descrevo. Nós tivemos o Carmo Bernardes, o Carlos Santana, era um comunista ligado as forças armadas, ele também ia abrigar lá em casa. Então nós tivemos sempre uma sequência de pessoas. Ai veio a minha formação, nesse ínterim eu já estava me encaminhando para fazer o curso de história, primeiramente eu pensava em fazer o curso de medicina, até peguei o programa da Universidade Fluminense e preparei porque eu fiz o cientifico no Lyceu, falei "eu vou estudar medicina". Depois caí na realidade, eu era trabalhador e não tinha condição nenhuma, tinha que deslocar para o Rio de Janeiro, como que eu ia estudar medicina? Ai eu fui para o lado que me atraia muito, que foi o lado da história e da geografia. Então eu fiz primeiro o curso de história e depois eu complementei, naquela época começava história e geografia, depois separava o curso e depois eu complementei o curso, e fiz o curso de geografia.

Por que o senhor resolveu fazer Geografia?

O meu encontro com a Geografia, melhor falando, com a ciência geográfica, não foi casual. Tive o privilégio de cursar por 5 anos, a partir dos 7 anos de idade, o Prim**á**rio na escola pública Grupo Escolar "Pedro Ludovico Teixeira" do bairro de Campinas, cujo corpo de professoras em termos de conteúdo, didática e pedagogia era de excelente qualidade. Professora Beti, a quem nós meninos e meninas tínhamos uma admiração toda especial pela sua dedicação e afeição em nos ensinar as primeiras letras, está eternamente gravada em nossa memória afetiva. A língua portuguesa, al**é**m da leitura todos os dias no manual, tínhamos diante de nós uma "paisagem" para descrevê-la e fazer uma composição. Aulas de aritmética e geometria eram na tabuada, na lousa e no **á**baco. Conhecimentos gerais, abrangiam noções de astronomia, botânica, zoologia, meio ambiente, história e geografia, eram ministrados no pátio da escola debaixo de uma frondosa árvore. O meu interesse pela história e geografia era acompanhado pela premiação em livros por ter obtido as melhores notas. Fui agraciado algumas vezes com livros infantis de Monteiro Lobato, a exemplo, de Caçadas de Pedrinho, o Sítio do Picapau-Amarelo, o **Sítio de Dona Benta**, o Saci Pererê, entre outros, os quais, por suas histórias e estórias ampliaram o meu interesse pelas narrativas relacionadas ao meio ambiente do território brasileiro. Os "gibis", povoando a minha mente com os seus heróis atuando na América, África, oceanos, cavernas etc. intensificaram a minha busca pelo relato histórico. O período em que cursei o ginásio e o científico no Lyceu de Goiânia consolidou, ainda mais, em minha mente,

essa linha de pensamento que me levou, em 1955, a ingressar no Curso de História da Faculdade de Filosofia de Goiás – ainda não havia curso específico de Geografia – instituição de ensino que adquiriu o *status* de UCG, e, anos depois, de PUC. Cabe aqui registrar que a grade curricular do curso de História, al**ém** de suas disciplinas específicas, possu**ía** um rol de disciplinas geográficas e antropológicas: biogeografia, geografia física, geografia humana, geografia do Brasil, antropologia física e cultural (etnografia e etnologia). Também havia: biologia social, administração escolar, e didática geral e especial de história. Em 1958, terminei o bacharelato em história. No ano seguinte, a licenciatura. Nesse mesmo ano criou-se o Curso de Geografia, o qual vim a completá-lo em 1963, com a didática especial de geografia. Todas as disciplinas eram anuais. Este acasalamento da História com a Geografia e vice-versa, acrescido dos fundamentos da Antropologia, Filosofia e Economia Política foram decisivos na minha formação profissional, especialmente para o meu entendimento do papel do materialismo científico e histórico na interpretação das aspirações da sociedade, também no ensino e na pesquisa geográfica e histórica, à medida em que aprendia o significado do trabalho concreto e do abstrato; do processo da forma**ção** do capital via acumulação primitiva; das teorias da mais-valia, etc., nos trabalhos de Karl Marx e Engels, a exemplo do Manifesto Comunista, da Contribuição à Crítica da Economia Política, do Capital, além de contribuições importantes de Lênin e de outros teóricos marxistas e não marxistas.

Posso afirmar com segurança, que a grande oportunidade que eu tive em trilhar a ciência geográfica e histórica, começou com a minha entrada no Centro de Estudos Brasileiros (CEB) da UFG pelas mãos de Bernardo Élis que me convidou para lecionar Geografia de Goiás nessa nova e modelar instituição de ensino e pesquisa criada em 1962, pelo professor Agostinho da Silva, infelizmente fechada dois anos depois com o advento do golpe militar-civil, de 31 de março de 1964.

Desde essa época, sempre um leitor?

O fato é que a leitura e o incentivo daquelas professoras que estavam bem a frente do seu tempo, eu peguei o gosto pela leitura e a partir dessa época eu comecei a ler, eu comecei ler bastante, pra você vê eu era pequeno relativamente, peguei o gosto realmente.

Como se deu a transição de sua vida como professor do Lyceu para professor universitário?

E quando você se forma na Universidade Católica e você entra para a vida acadêmica, como que se deu essa passagem? Qual a importância do CEB para o senhor.

Bom, ai tem uma passagem interessantíssima, eu era professor do Lyceu de Goiânia, tornei-me um professor, o Diretor era o professor Orlando Vieira Nunes. Ele tinha vindo do Espírito Santo e precisava de imediato um professor para ocupar, no curso cientifico, a cadeira de geografia e de história porque a professora da época não teve realmente condições de permanecer. Eu me dei muito bem tanto que eu fui o paraninfo da turma, naquela época o curso cientifico tinha direcionamento para engenharia, para medicina. O pessoal da turma de engenharia me levou para Belo Horizonte, eu fui o elemento escolhido.

No Lyceu eu lecionava no curso ginasial e no científico. Tinha um aluno que era o filho do Bernardo Élis. Certo dia ele me disse que o pai dele queria falar comigo – eu já sabia quem era o Bernardo Élis, sabia que ele tinha uma tendência para a esquerda, mas não o conhecia pessoalmente apenas como acadêmico, eu acompanhava sempre o lançamento de livros, então eu acho que desde o primeiro livro do Bernardo eu acompanhei. Me encontrei com ele na sua casa e ele me disse: "olha lá na Universidade [UFG] nós criamos o Centro de Estudos Brasileiros, CEB que

é uma espécie de miniatura do ISEB que é o Instituto Superior de Estudos Brasileiros e então nós criamos o Centro de Estudos Brasileiros com a presença do professor Agostinho e nós queremos um professor para lecionar geografia de Goiás". O professor Agostinho veio de Portugal e já tinha tido experiência de criação de centros e ele que foi, digamos assim, o idealizador do Centro de Estudos Brasileiros. O Bernardo continuou. "E eu seguindo o meu filho nas aulas do Lyceu, vi que você tem uma didática muito boa e a gente vê que tem uma forma de tratamento correto da geografia." Eu fazia um esquema de aula, eu sempre usei um esquema como se fosse uma pequena ficha no quadro negro e eles copiavam aquela ficha no caderno e eu lecionava uma geografia mais direcionada para o social, eu nunca dei uma geografia separada do social, nunca.

Talvez a formação de berço, a formação operária, aquela formação de comunidade, a presença do PCB na minha vida, tudo isso me levou sempre a ministrar um tipo de ensino. No CEB nós fizemos muitas pesquisas ligadas ao social. Então o Bernardo Élis falou: "compareça ao Centro". E eu compareci ao Centro recém criado, o diretor era o professor Gilberto Mendonça Teles e eu fui incorporado, contratado, lembro até hoje o meu primeiro salário foi de 72 cruzeiros, tenho esse contrato até hoje, comecei a trabalhar em 1963.

O diretor era o Gilberto Mendonça Teles que morava em Campinas, atleticano, jogava na ponta esquerda, mais ou menos bom de bola, não era muito não (risos). Nós fizemos a faculdade de Filosofia praticamente vindo de Campinas a Goiânia. Essa é a passagem da minha entrada no Centro de Estudos Brasileiros.

E essa escola Horieste, que você cita ai com carinho muito grande, e tem uma influência decisiva lá na sua primeira formação, tem alguma influência na sua militância ou na escolha pela história e a geografia?

Não, naquela época não, mas o que houve foi o despertar dessa consciência da leitura, a partir do grupo escolar Pedro Ludovico Teixeira com aquele excelente corpo de professoras, Dona Maria era a diretora, e aquele processo, é um processo até de emulação para incentivar a gente ao estudo, a premiação, não a premiação para diferenciar um aluno do outro era sempre uma premiação festiva era feito na casa da professora. E a premiação sempre era direcionada a leitura. Agora não era uma leitura naquela época de ponto de vista político, só que houve um caso interessante, eu cito até no meu livro [Cela 14], Naquela época, havia todo um processo de uma ideologia em que o chamado comunismo era um perigo para a sociedade e isso era divulgado pela política norte americana, o macarthismo, que influenciou todo a América Latina, e muito também nos elementos religiosos tanto a igreja católica quanto a igreja protestante tinha o posicionamento de divulgar o anticomunismo e isso me chamou a atenção.

Aconteceu lá no pátio do grupo escolar, quando as professoras falavam, elas eram todas de formação católica, quase todas eram católicas, que naquela época era a religião dominante em Campinas, elas falavam para ter cuidado e não jogar a bola, a pelota para o outro lado do muro porquê tinha o Sr. Romualdo que era um comunista perigoso. O Sr. Romualdo era comunista realmente, e um dia nós brincando lá no pátio a bola passou por cima do muro e caiu do outro lado. Foi um silêncio total, todo mundo achou que a bola não voltava mais, passou um pouquinho e a pelota retorna, o Sr. Romualdo jogou a pelota de volta. Aí eu até coloquei no livro, "o comunista lobo mal não era tão mal assim".

Como foi o curso realizado no CEB com o professor Jacob Gorender e a intervenção militar?

Então nós tínhamos preparado o curso de filosofia, era um curso muito bom, veio o Golpe de 64, e ai o Gorender teve que ser escondido aqui em Goiânia e ficou na casa de um conhecido até ter condições para ir embora.

Então, a minha presença no Centro de Estudos Brasileiros foi importantíssima porque o Centro de Estudos Brasileiros, é bom que se diga, ele, como eu falei no início, ele era uma miniatura do ISEB, o Álvaro Vieira Pinto, comandava o ISEB, o Centro de Estudos Brasileiros era uma realidade muito vinculada ao Brasil, mas principalmente em Goiás para a formação de quadros em Goiás com uma mentalidade mais regional, nacional/regional. Numa perspectiva de posteriormente esses quadros ocuparem a administração pública com uma visão, naquela época, do nacional desenvolvimento. O ISEB tinha essa colocação, mas o Centro foi fechado, muitos foram punidos, Bernardo Elis que era professor de Geografia na Escola Técnica de Goiás, e no Centro, de Geografia do Brasil – eu era professor de Geografia de Goiás – a ditadura aplicou nele a aposentadoria, e a professora Maria Hermano também foi aposentada. A gente teve sorte que ali começou o núcleo da geografia, porque se lecionava geografia do Brasil, geografia regional, geografia de Goiás, o núcleo de geografia na Universidade Federal começou no Centro de Estudos Brasileiros. Logo com o fechamento do curso houve a mudança dos professores para a faculdade de filosofia que estava iniciando, dando os primeiros passos que estava em formação na Federal, lá se criou o curso de geografia. Em seguida veio o concurso público federal para preencher todos os cargos com a criação da faculdade de filosofia, porque a faculdade de filosofia é a base para ser criada, digamos assim, a futura Universidade Federal de Goiás, toda base começa com a faculdade de filosofia, que não era só filosofia, lecionava educação, filosofia, a área de português, a de geografia, história, de antropologia cultural, antropologia física, etc. Eu fiz o concurso e passei, e entrei na universidade, fiz o concurso em geografia humana e passei em primeiro lugar e fiz em geografia do Brasil e passei em segundo lugar, e eu optei pela geografia humana. Comecei a minha carreira, e, ao mesmo tempo, a Católica necessitava de professores então também fui pra Católica é quando vêm a figura do João de Castro, vêm a minha sequência, nesse ínterim eu já tinha uma leitura bem desenvolvida do ponto de vista de obras ligadas a uma visão de mundo, dentro de uma visão digamos mais socialista.

Foi o partido que deu essa visão?

O partido foi importantíssimo, o curso de história fundamental esses são os elementos principais. E a fase anterior é aquela vivência que eu tive na própria casa em contato com aqueles elementos, essa formação minha de uma visão de trabalhar para tentar, via partido político, fazer uma mudança, implantar aqui uma nova forma de sociedade, porque pra mim é a sociedade socialista rumo ao comunismo.

Horieste como era a geografia daquela época, tanto aquela que você foi formado e também a que você trabalhou?

Olha, essa pergunta é muito interessante. É bom que se diga que antes quando eu fui professor do Lyceu, dez anos, eu fui professor do Lyceu de 1958 a 1968, nessa época, a gente já tinha um posicionamento bem definido, devido a minha própria formação, tanto que havia outra professora colega minha que os alunos já faziam uma divisão de áreas, onde se lecionava pró-capitalismo e onde se lecionava pró-socialismo. Quando eu vou para a Universidade que eu tive bons professores ao lado de professores sem a devida bagagem dentro da formação, não só de geografia, mas de história. Eu tive excelentes professores, eu tive um professor por exemplo na área de antropologia, que foi o professor Neiva me tornei um grande amigo dele, e eu gostei muito de antropologia cultural tanto que estudei três anos de antropologia e aprendi muito, porque o Professor Neiva era um professor

desses mais dedicados, ele tornou-se uma das pessoas mais profundas de antropologia dentro do cenário nacional, deixou um excelente livro sobre os índios de Goiás um grosso volume e mais alguns trabalhos, ele era um homem de leitura, ele era um homem acadêmico de muita leitura e eu aprendi muito com ele. Eu tinha um professor de História da América, também excelente, professor Agnelo foi um excelente professor de História da América, apesar de ser um homem formado em farmácia, ele era farmacêutico, mas as aulas dele eram aulas de alto gabarito. Eu tive a Dona Lena Castello Branco, que é da família Castello Branco, ela foi uma pessoa de muita ética e ela foi minha professora de geografia moderna e contemporânea; e é bom que se diga que eu fiz inclusive um dos primeiros trabalhos, uma monografia, naquela época se fazia monografia pra aprovar na disciplina, eu lembrei que eu fiz sobre a Sociedade Soviética, foi o primeiro trabalho que eu fiz com ela, ganhei a nota máxima, então ela sempre foi uma professora muito boa. Quando eu estive preso e precisava do atestado da instituição de que havia sido professor, ela deu um atestado relevando a minha competência, é uma pessoa que eu respeito muito. E ai veio à geografia, tive um professor de Geografia Física que não vou falar o nome mas, ele realmente só dava aquela geografia tradicional, mas eu tive um professor que me despertou e eu gostei muito dele que foi o professor José Gênio que nós fomos professores no Lyceu, a gente trabalhou no Lyceu, ele foi diretor do ensino médio também do Estado, tinha muita força, e ele foi meu professor de geografia, foi um dos professores que eu tive, eu tive dois professores de geografia humana, e ele foi um professor de geografia humana excelente, porque ele introduziu naquela época em que não se falava ainda, isso é da época de 1957, 1958, em 1958 eu já tinha formado em História, e depois eu fiz um curso de licenciatura em 1960 e voltei a estudar e terminar o curso de Geografia em 1963, mas ele já trabalhava com uma visão da geografia que era um livro do Moisés Gicovate e ele já trabalhava uma linha da geografia francesa, uma visão mais dentro do possibilismo geográfico, aquela visão de Paul Vidal de La Blache, Jean Brunhes, Marximiliano Sorre, Max Derruau e outros mais, o professor Gênio já tinha uma visão de geografia mais adiantada do que a anterior, ele não estava com aquela geografia digamos assim numa linha totalmente kantiana, humboltdiana, kantiana que o Quaini crítica, que o Armando também critica, ele estava numa linha mais hegeliana, hettneriana. Foi muito importante, já estava numa linha mais possibilista realmente. Esse professor marcou, como também o professor Neiva, como o professor Agnelo, um importante professor que eu tive, foi o professor de História do Brasil, esse professor era um homem que lecionava com amor, tinha um amor imenso a história, o professor Joaquim. E lá dentro da Universidade aconteceu um fato interessante. Como eu disse o primeiro curso que eu fiz foi o curso de história, naquela época fazia o bacharelado depois que era licenciatura então eu fiz os três anos bacharelado e um ano licenciatura em história depois a geografia, e eu tive um professor de história no primeiro ano, que eu não vou falar o nome dele, mas ele foi um professor interessantíssimo, ele tinha um receio imenso da vigilância dos Padres Jesuítas que eram quem comandava a faculdade de filosofia da Católica, ele tinha um receio imenso, ele dava aula de história antiga. Na verdade quem dava aula pra ele era eu, ele me colocou perante os alunos, ele ficava na porta apenas, eu acho que ele não preparava muito, porque ele era um homem que tinha estudado até o quinto ano de medicina e abandonou, era de família rica em Goiânia, depois se formou em direito e tornou-se na época desembargador, ele aposentou desembargador. Mas eu quem dava aula pra ele no curso de história. Eu dei aula para os meus colegas de história, eu lia muito, eu voltava pra casa e ia estudar até duas horas da manhã, e naquela época a história era pra mim fascinante, eu gostava imensamente de história, então eu fiz uma leitura muito grande de história.

Quando você estava em Goiás, antes do exílio na Suécia, na Universidade Federal existia uma tendência dentro da academia, entre seus pares, no curso de geografia, uma tendência, uma linha critica ou, isso era

muito raro?

Naquela época era o seguinte, temos que colocar realmente tudo dentro da temporalidade, uma relação de espaço e tempo, o espaço era o ambiente da Universidade Federal, o corpo docente, os funcionários, e o tempo que nós tínhamos que dar sequência, se você pega de cinquenta para frente você tem um crescimento de movimento nacionalista, que vai desenvolver até chegar o Golpe de 1964 vai haver uma mudança radical nesse contexto que também passa a ter uma vigilância imensa dentro do ambiente universitário não só da Federal, mas nas demais e também dos educandários, da escola média, dos sindicatos, etc. Lá dentro da Universidade, a época eu entrei na Universidade que eu te falei em 1963, lecionei praticamente quase 32 anos na Universidade Federal de Goiás, e eu tinha uma presença no curso de geografia, no curso de história e no curso de sociologia. Havia, não sei se há mais geografia humana para o curso de sociologia e geografia humana para o curso de história, então eu lecionava nos três cursos a geografia humana, eu tinha uma ligação muito grande com essas áreas dentro da Universidade onde os professores estavam digamos assim na vanguarda das ideias, com a turma de sociologia, então basta dizer que nessa época dava para notar duas tendências realmente, principalmente na época que vai depois de 1964 até 1975 dentro da Universidade, na verdade eu vou até 1972 é quando eu vou ser preso.

Nesse processo principalmente de 1964 a 1968 caminhando para o Ato Institucional número 5, de 13 de dezembro de 1968, teve um episódio, eu era o patrono da turma de sociologia da Universidade, não só da sociologia porque fazia naquela época uma festa conjunta, juntava-se os cursos e fazia uma festa conjunta e o ato institucional foi editado naquele dia. O evento foi no auditório da faculdade de filosofia, os corredores estava totalmente tomado e nós achávamos que após aquela cerimônia seriamos conduzidos presos, o padre Pereira era o paraninfo e eu era o patrono e eu tenho até hoje o pequeno discurso que eu fiz naquela época, eu fiz um discurso de posicionamento político, achávamos que nós seriamos presos logo após a cerimônia.

Mas, o fato que você colocou o ambiente da escola, então havia sim um processo que separava, tanto é que se criou dentro da Universidade naquela fase mais aguda que é 1964 a 1968 que é o AI 5. Havia uma separação entre os professores que tinha um posicionamento político vinculado em buscar a liberdade da democracia, autonomia da Universidade, então esses professores se posicionavam nessa busca contra o *status quo* reinante da ditadura e havia aqueles professores que se resguardavam que é do lado da corrente contrária, isso ficou bem delineado dentro do ambiente da faculdade de filosofia que era, digamos assim, a guardiã do pensamento da época que estava todo inserido na faculdade de filosofia devido os cursos. Na geografia nós já tínhamos alguns professores, naquela época eu lembro que um professor que eu consegui levar para a geografia foi o professor Manuel de Jesus que pertenceu até ao PC do B e depois ele foi preso e teve problemas nesse processo. Então nós tínhamos professores ligados a Sociologia, o professor Pedro Wilson que na época foi meu aluno, a companheira dele era professora militante também, nós tínhamos a vanguarda ligada ao movimento da AP – Ação Popular –, ligada a Católica, a Ação Popular mais radical, de certo modo, estava presente, agora dentro da geografia naquela época o que se nota é o seguinte, é preciso lembrar que era uma geografia ainda do contexto de Goiás de estruturação, então você tinha um corpo docente que tinha pessoas com o posicionamento mais avançado e tinha professores como eu falei do lado oposto. Na geografia eram poucos eu citei o Manoel de Jesus, havia uma professora muito boa a Maria Alice, ela foi uma professora de geografia excelente, foi minha aluna, excelente como professora, e a professora Clyce foi uma professora que tinha o posicionamento bom, ligada muito ao movimento da AP, da Católica era uma professora de geografia numa linha progressista que nós tínhamos naquela época, eram poucos professores

evidente, mas nós tínhamos o pessoal da sociologia o professor Itamir que fazia parte do grupo de sociologia, o Pedro Wilson, a Maria Alice, Então havia um grupo de professores na geografia progressistas e tinha alguns outros que eram, digamos, liberais progressistas que não se posicionavam contra o regime e ficavam numa posição de intermediário.

Pensando um pouco na formação que o senhor teve e na que temos atualmente é possível dizer que antes havia uma preocupação maior com a teoria, com disciplinas relacionadas a Filosofia, por exemplo? Isso pode influenciar a produção e a qualidade dos trabalhos na Geografia?

Weder, o seu raciocí**ni**o está perfeitamente correto. Em meus anos de formação como indivíduo, cidadão e profissional na área da História e da Geografia, eu vivi um período em que após a queda da vigência do Estado Novo de Getúlio Vargas, em 1945, seguido da eleição do Gal. Eurico Gaspar Dutra **à** presidência da Rep**ú**blica (1946-1950), governante esse que, de imediato, abriu as portas do Brasil **à** entrada de empresas e capitais privados e públicos vindos do exterior, com predomínio de empresas dos Estados Unidos, sendo portadoras da doutrina do anticomunismo. Foi um período que se estendeu na sequência dos novos governantes, Getúlio Vargas, Café Filho, Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros, João Goulart e culminou com os golpistas militares-civis no poder por mais de 20 anos, ocasião em que as campanhas nacionalistas-libertárias na cidade e no campo e a luta pela mudança do *status quo* vigente se intensificaram nos sindicatos e associações de bairros, nas universidades e associações de ensino e pesquisa, nos estabelecimentos de ensino do nível médio, nas ruas, avenidas e praças de muitas capitais brasileiras. Sem dúvida, esse estado de acontecimentos foi o grande responsável pela busca de uma, ou mais, teoria que dotasse o profissional do saber geográfico de uma nova ferramenta epistemológica capaz de interpretar corretamente a realidade que vivíamos. A preocupação maior que havia com a teoria e o rol de disciplinas relacionadas a outros saberes, a exemplo da Filosofia, da Economia Política, da Metodologia, da Antropologia, esteve presente nos trabalhos de muitos geógrafos brasileiros e de outros países. Não podemos jamais nos esquecer que todas as ciências, sem exceção, até mesmo as exatas necessitam de aportes de outras ciências, de outros conhecimentos, por n**ão exist**ir ciência pura. No meu raciocínio, n**ão resta a menor dúvida** de que sem o mergulho epistemológico na teoria e a contribuição de outras áreas de conhecimentos, tanto a produção quanto a qualidade científica dos trabalhos geográficos deixa muito a desejar.

Horieste, eu queria que você falasse agora um pouco sobre a participação da AGB nesse momento, e não sei se você participou do encontro de 1978.

Não, em 1978 eu não estava aqui. Eu vou chegar em 1980 e vou participar da AGB no ano da criação.

Da criação da AGB Goiânia?

Horieste: É.

E esse momento do final da década de 1970 e inicio da década de 1980 qual o papel da AGB enquanto fomentadora de uma visão diferente, principalmente depois do marco de 1978.

Tem essa época e é bom colocar esse marco porque tem que ver também as mudanças que a geografia sofreu. Você tem até a década de 1960 e 1970, aquela geografia considerada mais tradicional, mas ao mesmo tempo já caminhando para mudanças efetivas devido à criação da AGB Nacional. Ela vai ter uma presença efetiva a partir de 1934 se não me engano, em 1938 você tem o Conselho Nacional de Geografia, antes era o Conselho só de

Estatística e você tem essa trajetória de pipocar faculdade de filosofia no Brasil a partir da Universidade de São Paulo que foi um modelo da geografia moderna no Brasil e é preciso lembrar a boa contribuição dos franceses, o Pierre Monbeig é um exemplo marcante porque ficou mais de dez anos a frente da AGB e foi um homem extraordinário, eu considero ele, eu posso falar isso mais, como um dos mentores da geografia crítica inicial no Brasil, depois eu falo porque eu considero o Pierre Monbeig. Mas havia uma plêiade de geógrafos importantes que vão surgir nesse processo o Leo Waibel, o Orlando Valverde, o Pierre Monbig, uma série de pessoas que vão ter o papel progressista, digamos assim, de fazer a geografia caminhar para um processo questionador, quando se tem o golpe de 1964 você vê uma geografia praticamente quantitativa sendo implantada no IBGE, uma geografia importada de fora, você vê uma geógrafo, que foi meu professor no Rio de Janeiro, o Speridião Faisol, vai ser o introdutor dessa geografia quantitativa numa visão totalmente dentro de uma geografia empresarial, uma geografia que passa a trabalhar muito o quantitativo. O IBGE para e fica sufocado, é de se lembrar que o IBGE até essa época de 1960 tinha uma presença muito importante no começo da AGB Nacional. Na presença da formação de geógrafos eles tinham uma participação muito grande dentro do contexto da AGB, foi importante para Goiás, com relação aos cursos ofertados. Bom, tem-se então uma geografia quantitativa, cria-se no meu ponto de vista o oponente dela, surgindo a luta dos contrários. Evidente que o próprio IBGE havia outros posicionamentos, por exemplo, do Orlando Valverde, um posicionamento diferenciado e pouco a pouco outros elementos vão começando a engrossar aquele processo, e nesse ínterim, você já tem a presença de geógrafos com a visão de abertura maior, o Ruy Moreira que vai aparecer, o primeiro texto que eu li do Ruy Moreira foi na revista da Civilização brasileira, se não me engano, então o Ruy já apresentava a geografia as questões das máscaras sociais. Tem-se a presença de uma geografia caminhando para um processo de abertura, mas de posicionamento, uma geografia oponente a geografia quantitativista que é uma geografia ligada muito à presença da matemática, da estatística, a presença daquele enfoque do local, mas do local para atender a implantação de empresas. Como o IBGE é uma estrutura política, uma estrutura geográfica mais ligada diretamente ao próprio Presidente da República, você vai verificar pelo congresso de 1978 em Fortaleza que foi o congresso que a geografia naquela efervescência vai romper, que tem aquele posicionamento entre a velha guarda e a nova guarda a presença muito grande dos estudantes, dos jovens, havia uma influência muito grande evidentemente de alguns líderes da geografia no caso o Ruy Moreira teve uma influência muito decisiva de liderança da jovem guarda, das mudanças, então há aquele rompimento. Evidentemente no processo dialético onde você tem um rompimento, ali foi realmente um processo que vai fazer o corte você produz durante muito tempo muitos da velha guarda ficaram afastados, não sentiram, comodamente a participaram mais e se afastaram da AGB, Mas ali foi colocado a base de ter uma geografia de ideias lacostianas e vai ter essa abertura. A minha chegada se deu em 1980 e eu vou me ligar imediatamente a AGB, e ali tinha primeira pessoa que participou muito que foi a Silvia que era geóloga, trabalhou no Radam Brasil e foi uma pessoa extraordinária, com uma visão muito boa. Nós vamos ter ali a formação do primeiro grupo da AGB, o João de Castro estava presente, o Danilo, a Clyce estava ali, tinha um aluno, o Greco que participava e mais alguns elementos e ai começa a fase da geografia da AGB Goiânia que pode ser um marco em 1980. A AGB passa a ter em minha opinião um papel muito decisivo, teve a minha gestão, teve duas gestões seguidas João de Castro, tivemos uma gestão do Itaboraí que vai acabar renunciando. A AGB teve um papel importante nessa fase inicial que foi a nossa fase. Nós nos envolvemos muito com a questão da escola, tanto que nós oferecemos, fizemos o primeiro encontro goianiense de geografia com a presença da escola, principalmente da escola pública de nível médio, naquela época falava escola nível médio, 1º grau, 2º grau e a gente ministrou cursos, nós chegamos ter naquela

época de 1982, 1984 em torno de 400 associados e a AGB cresceu. Tinha um movimento bom, uma presença de cursos e a gente achava que a AGB ia deslanchar nesse processo, mas você sabe que quando se verifica nós fomos ajudados nesse processo, não podemos esquecer que nessa época nós começamos a trazer também pessoas de peso para vir ajudar essa divulgação.

Como eram realizados os cursos da AGB? Quem trazia os palestrantes?

A AGB trazia, ela buscava suporte na própria Universidade pra conseguir alguma coisa, às vezes a gente conseguia no caso da estadia. Veio o Douglas, veio o Ruy algumas vezes, o Diamantino. Dessas presenças, sem dúvida alguma, a presença mais marcante foi do Ruy, porque o Ruy tinha uma inserção muito grande dentro do grupo estudantil, ele participava de todo movimento estudantil no Brasil, a AGB teve um papel muito significativo, a AGB vai fazer crescer a geografia no âmbito da academia. O papel importante foi isso, começaram a surgir valores, eu vou citar aqui valores como a professora Ana Cristina naquela época tinha uma participação importantíssima, o Professor Eguimar foi um elemento marcante, o Zé Henrique Stacciarini, a professora Celene. A professora Estela, pessoa que não pode ficar de fora, nunca escreveu, mas foi uma pessoa que teve uma participação decisiva na AGB, tinha uma visão muito boa dessa geografia nossa de mudanças, sabe? Então, sempre teve um conhecimento digamos assim, mais esclarecido, então é isso. Depois vai chegar essa nova geração, foi chegando, alguns avançaram, outros estacionaram, alguns não tiveram uma presença boa na geografia, até na própria direção da AGB, teve uma época que ela ficou emperrada, que a pessoa utilizou a própria instituição da AGB, mais ou menos assim.

Esses cursos que você mencionou que vieram algumas pessoas de fora, como que eram esses cursos? Qual era o caráter de abordagem?

Olha, todos os cursos que nós tivemos eu tive o prazer de trabalhar com Ruy, com o Douglas, com o Marcos Carvalho, o Bernardino com cursos de especialização. Esses cursos eram de uma geografia já dentro de uma linha que se construía o pensamento de uma geografia crítica, uma geografia crítica, mas não uma geografia caindo no conhecimento vulgar, mas uma geografia crítica na questão do posicionamento que a cada momento que você tem numa relação espaço cultural você tem um avanço, uma situação concreta de uma realidade de pensamento de ideias em que está embutida no pensamento histórico, filosófico, está embutida às vezes na ideologia. Então quando você fala numa geografia crítica é uma geografia de posicionamento pra fazer crescer a visão geográfica, e romper aquela questão mais conservadora, por exemplo, aquela posição de manter um dualismo geográfico, ainda se mantém, é lógico que isso já diminuiu bastante, de se trabalhar muito individualmente só uma determinada disciplina da geografia perdendo aquela visão de conjunto. Porque, a geografia para ser uma geografia crítica tem que fazer essa fusão, eu acho que a Lenira trabalhou bem isso em seu livro, na primeira página do livro ela faz uma crítica inclusive sobre Milton Santos, até sobre o Ruy e sobre uma série de outros, mas ela chama a atenção para a importância de se trabalhar realmente e verificar a questão do trabalho do espaço geográfico. Uma visão do trabalho que o Armando Correa evidenciou bastante aquele processo, digamos assim, antológico. Então essa geografia crítica ela avançou, eu não sei hoje porque como eu estou desligado há alguns anos, eu não sei hoje como está atualmente dentro do corpo docente e discente essa visão geográfica, de se manter uma geografia presa a visão do físico pelo físico, ou fica muito preso a visão apenas ambientalista da geografia, quando na verdade nós temos que ter uma visão de conjunto, uma visão de todo, eu acho isso fundamental, de trabalhar dentro de uma geografia com uma postura de entender o movimento dialético da matéria e nesse caso tudo é matéria, a sociedade é matéria, matéria social e movimento, a natureza é matéria, natural e movimento, se a pessoal tiver essa visão do

materialismo científico de uma visão dialética ele vai trabalhar sempre uma unidade, uma totalidade, quando fala a questão da totalidade essa visão maior de conjunto que se consegue fazer, trabalhar os pares dialéticos e fazer todo o processo de interdisciplinaridade, é trabalhar interdependência.

A geografia crítica hoje é muito questionada, um dos argumentos é dizer que a abordagem não evoluiu, por exemplo, alguns conceitos foram revistos. O Marx do século 19 não pode ser do século 21. Nesse sentido alguns autores vêm se abdicando dessa teoria e adotando outras posturas. Qual o motivo do marxismo perder espaço no debate geográfico hoje?

Essa pergunta sua é muito boa viu Weder. Eu quero responder essa pergunta. Se a pessoa não tem o conhecimento da historicidade geográfica, vou usar esse termo, que é uma visão da construção da geografia, a geografia começa a se delinear e vai desenvolvendo a partir do Marx, do Hettner, do Kant, do Vidal La Blache, do Jean Brunhes e vai por ai a fora, se a pessoa não tem essa visão ela chega aos dias atuais, no século 21, sem entender muito a questão do avanço da geografia e de entender a importância, digamos assim, dessa visão crítica que eu vou colocar no meu pensamento, dentro da linha que eu uso ainda, linha marxista. Eu quero retomar aqui, quando você pega em Goiás, vou pegar Goiás, que você vai buscar, não vou falar que seja o pioneiro, mas tem um homem que entrou na geografia de Goiás, que pra mim ele foi um pioneiro dessa geografia que sofreu mudanças, foi o Pierre Monbeig veio para o Brasil e vai ser o presidente da AGB nacional, vai colocar a geografia moderna na Universidade de São Paulo, na USP e dali vai irradiar o grande Centro de São Paulo, Rio, depois vai irradiar pelo Brasil através das faculdades de filosofia que foram sendo criadas. Podemos ver em Pierre Monbeig quando ele veio a Goiânia, ele veio em Goiânia em 1944, quando veio conhecer a nova capital que era Goiânia que ainda estava em construção, você já nota um pensamento avançado dele, quando ele viu o espaço de Goiânia colocou diante daquela realidade e falou: "Como uma cidade que vai ser centro administrativo, que essa é a função dela, vai se desenvolver dentro dessa realidade se o estado não se desenvolver?" Então ele começa a apontar a necessidade de levar todo o processo de comunicações, a necessidade de utilizar o Rio Araguaia como via de turismo para canalizar pessoas vindo para o Centro Oeste, e ele vai colocar num dos seus livros, uma das obras que vai trabalhar a geografia humana, vai mostrar uma das coisas mais importantes que quando ele fala assim: "Nós precisamos conhecer a complexidade do fato geográfico [naquela época usava-se essa expressão] penetrar naquilo que é invisível, ficar além da aparência, penetrar na essência". Naquela época usava a expressão fato, fato geográfico era o espaço geográfico. E ele apresenta essa visão, nos seus estudos de geografia humana. Em outra citação ele diz: "Nós precisamos ir além daquilo que a gente vê na realidade, então nós precisamos penetrar até na própria maneira de pensar do ser humano", a maneira como ele está pensando devido à formação que tem. Pierre Monbeig dá um pontapé inicial nisso. Tem-se nesse processo, na sequência, o Orlando Valverde, também Leo Waibel. Waibel também vai mostrar a importância de trabalhar uma visão maior de conjunto, ligado a natureza que já vinha também de uma visão talvez de Saint Hilare, que trabalhou essa visão também. Bom, aí vem toda essa fase que a gente viu do congresso de Fortaleza em 1978, a sequência da AGB, os encontros da AGB principalmente, a efervescência, vem àquilo que o Ruy colocou que a geografia não soube aproveitar, o Quaini também trabalhou isso, não soube aproveitar da sequência, a ruptura epistemológica que tinha que existir, não existiu. Avançou uma geografia crítica, apresentou pessoas importantes, trabalhando obras, apresentando pensamentos, dentro e fora do Brasil pessoas que souberam trabalhar a geografia nesse sentido na questão do método, por exemplo, o Althusser um novo método de trabalhar materialismo histórico. Bom, mas chega no que você quer hoje e vem o processo

que nós temos que buscar na perda da edificação do socialismo real. O socialismo real, várias causas né, eu tenho um estudo sobre isso que ainda não aproveitei, mas talvez eu venha aproveitar um dia, eu tenho um estudo bem grande sobre a queda do socialismo real, que na verdade o socialismo estava em processo de construção. Os 70 anos de União Soviética não foi possível segurar o processo e, com isso, cai também à imagem do marxismo, ela começou cair dentro da época do stalinismo. Quando o stalinismo adota uma postura muito imediatista de querer implantar um socialismo à força, principalmente no campo, com o processo de coletivização do campo, que era totalmente contrária a formação leninista. Se as pessoas lerem Lenin vão entender isso que eu estou falando, Lenin era contrário a coletivização imposta no campo, ele era adepto do processo de desenvolver as cooperativas com o apoio do Estado, e o camponês pouco a pouco vai trabalhar, vai criar dentro da ideologia que é preciso fomentar e criar ideologia, desenvolver a ideologia do socialismo ao trabalhar um conjunto, o trabalhador compreender que ele em conjunto, no coletivo é muito maior do que uma pessoa isolada. A visão de Lenin era uma visão de um processo, infelizmente veio a morrer em 1924 e depois veio essa época do stalinismo. O stalinismo vai adotar uma postura muito forte pós segunda Guerra Mundial, a figura de Stalin ficou no centro após a conferência de Yalta. Ele vai aparecendo assim aquele processo de autoritarismo da política stalinista e um processo maciço não aceitava posições contrárias, vai aparecer aquele processo de perseguições sistemáticas que foram praticadas e isso vai afastar toda intelectualidade europeia e muitos deles estavam ligados ao PC (Partido Comunista) Francês e vão se afastar. É onde que a gente vai assistir a saída daqueles que tinham uma formação intelectual muito boa. Bom, o resultado, chegamos aos dias atuais, ou bem próximos, o que tem hoje no âmbito digamos da academia, nos encontros acadêmicos dentro das entidades, em todas elas, SBPC, AGB. O que nós temos? Nós temos uma visão, que as pessoas têm que o marxismo desapareceu completamente, porque evidentemente aquele marxismo como você colocou do século 19 não pode ser aplicado no século 21, mas não é isso que a gente tem que ver, a gente tem que ver o seguinte, o Marx era o melhor, digamos assim, em pesquisa do ponto de vista do desvendamento do capitalismo. A figura de Marx, quando você estuda principalmente economia política as obras do capital você vai verificar tanto o capitalismo, desde o capitalismo primitivo para chegar ao capitalismo que o Marx aponta esse capitalismo atual que é dentro desse processo de globalização, você vai encontrar em Marx já citando que a Terra seria globalizada. O que nós temos que entender é o seguinte, ele fez um estudo mostrando a estrutura do capitalismo, do ponto de vista geográfico na minha visão, digamos, levando isso para o campo da geografia, mas em uma geografia de visão de conjunto, eu não faço uma geografia que vai trabalhar só o ambiente, que vai trabalhar só um determinado fato, meio urbano, meio rural, uma geografia que vai ficar apenas dentro dessa visão que você colocou socioambiental de estudar a realidade. Então quando você pega uma visão que eu considero ainda marxista entendendo que hoje nós temos obras imensas, muitas obras surgiram, mas a realidade está apontando todos os autores da atualidade aponta cada vez mais a existência de uma teorização de Marx, dentro do aspecto da economia principalmente, jamais ele pode ser renegado, então você olha hoje os autores que estão trabalhando Marx eles mantêm essa visão da estrutura de Marx.

Você vai verificar o seguinte, quando você vai para um congresso, como o congresso da AGB, você faz um levantamento de estudo, então você vai pegando autores, por exemplo, no Brasil que fala que não tem jeito de aplicar o marxismo na geografia porque o trabalho desapareceu, o trabalho já não existe mais aquele trabalhador. Mas a pessoa quando pega a questão do trabalho, o Ricardo Antunes trabalhou muito bem isso, em minha opinião ele deu uma visão boa do trabalho, avançou a questão do trabalho, você tem que ver a mudança do trabalho, você não tem mais evidente o operário da fábrica que foi trabalhar com o Marx. O Marx e o Engels trabalharam o que?

O Engels fez a classe trabalhadora na Inglaterra, a gente fala que a revolução se faz pelo operariado dentro de uma visão do materialismo histórico, mas isso não significa que esse operariado desapareceu, esse operariado hoje está representando em mil e uma representações, ele é um trabalhador como os demais, ele não é diferente. Quando eu fui operário eu não era diferente dos demais operários, trabalhadores de oficina, de marcenaria ou de máquina de arroz. Essas categorias de trabalhadores hoje se multiplicaram, a classe trabalhadora hoje numa visão nobre marxista tem que ser vista nesse contexto, ela não pode ser vista apenas com aquela força de um trabalhador de fábrica apenas, é evidente que o trabalhador sindicalizado tem uma unidade maior, tem que ser um trabalhador dentro de uma entidade que tenha realmente um direcionamento.

Na verdade isso ai é questão de você olhar uma temporalidade, porque se você estudar o processo dialético vai ver que as coisas vão e vêm, a dialética vai mostrando o movimento e desenvolvimento, você tem um movimento e tem um desenvolvimento até o momento em que se chega a ter a questão que se cria as condições pra ruptura daquele processo que vai dar o salto que a gente chama de salto qualitativo. Então a geografia hoje em questão do marxismo está vivendo uma época em que as pessoas, por perder a questão da ideologia, porque a ideologia realmente sofreu um impacto muito grande não podemos negar, não houve aquela preocupação que a gente pensava que ia acontecer. Os 70 anos de socialismo traz uma ideologia dentro do contexto de uma sociedade mais ampla, mas do ponto de vista de se ter uma visão de futuro, do socialismo, o que nós verificamos que houve a perda dessa ideologia e a perda foi grande. Nós temos governos que vão se tornando autocráticos dentro da visão do socialismo, então muita gente verificou que como a ideologia não se firmou, o PCUS (Partido Comunista da União Soviética) também se tornou um partido ligado a questão do estado, se tornou um partido todo dirigido, deixou de praticar o principio fundamental que é o centralismo democrático que é a base de compreender também uma visão marxista. Ter uma visão de partido, uma visão ideológica que passa pelo princípio leninista do partido, que foi Lenin que criou esse princípio, que é o princípio diretor de você ter uma decisão embaixo que sobe e depois desce novamente para ser acatada, ou ser rejeitada e isso deixou de existir completamente. E o pior que deixou de levar tudo isso, esse processo de autonomia e toda a sociedade produtiva da época dentro do contexto da ex-União Soviética. As fábricas, aqueles mestres de fábricas eles perderam a capacidade de autonomia, quem entendia daquele processo produtivo era eles, eram os trabalhadores das fábricas não eram os dirigentes do PCUS, ou do governo. Então, o que nós temos hoje? Hoje nós temos uma realidade que as pessoas não entendem que o marxismo permanece, agora você não pode fazer uma transposição mecânica, que seria dogmático, o momento critico dialético é o contrário, nós não podemos admitir o dogma, nós temos que romper o dogma. Hoje se você pega a visão geográfica atual de muitos elementos é uma visão que não compreende o que é o marxismo a maioria infelizmente não compreende o marxismo, a própria desestruturação aqui dentro do Brasil do PC (Partido Comunista) é um exemplo. Eu por exemplo militei no PC mais de duas dezenas de anos, sempre trabalhamos dentro de uma unidade, depois nós assistimos cada vez mais um processo em que houve o rompimento da unidade, não souberam conduzir. Quando eu estava no comitê Gregório Bezerra, um comitê importantíssimo ligado ao PCB tínhamos uma postura mais definida em termo de unidade. Mas aconteceu uma luta dentro do próprio PCB com processo de ruptura, companheiros com uma visão muito reduzida de um processo político maior pelo fato da União Soviética ter caído não ter conseguido manter o chamado socialismo real, desestruturou tudo e tudo acabou. O socialismo vai ter um retorno num país como aquele, porque houve muitas edificações, evidente que isso é um processo que vai delongar às vezes décadas e décadas. Então, nós tivemos uma fragmentação do PCB, criou-se um PPS de um lado, o PC do B também criou todo um processo de luta contrária contra o PCB, adotou antes uma linha chinesa depois adotou

uma linha albanesa e ficou preocupado quem é o dono da sigla por muito tempo. O fato é que houve uma fragmentação dos PCB. Eu estou colocando o PCB porque o PCB tinha uma visão inicialmente mais fundamental do marxismo. Então Weder quando eu vejo hoje, eu acho que hoje essa visão, isso eu considero até normal porque nós estamos assistindo um processo realmente de destruição do ambiente natural, é patente, no caso do Brasil nós temos os biomas ai todos eles sem exceção sofrendo impactos ambientais de toda ordem, dentro da academia na formação as pessoas buscam aquilo que pode realmente, digamos assim, favorecê-los na sua própria formação visando na carreira, porque evidentemente todo estudante universitário de geografia ele tem que ter a visão que ele vai ter uma profissão, que ele tem que ser firmar nessa profissão, tem que lutar pra ter inserção dentro do mercado de trabalho de uma economia globalizada em que só os mais fortes terão lugares de permanência, a concorrência multiplicou em vezes para o mercado de trabalho, hoje se a pessoa não buscar competência, qualidade então ele se perde, ele fica sendo pequeno dentro daquele contexto, e quem fica pequeno não pode ter uma visão maior de totalidade. E nós infelizmente ainda dentro da nossa formação acadêmica, eu acho que temos uma grande parte de pessoas com uma visão reduzida do significado do marxismo, para a geografia com uma visão de totalidade, uma visão de conjunto e uma visão de mundo novo, a sociedade que a gente quer, então o marxismo leva ali uma missão histórica que não é apenas a visão econômica, é uma visão social e essa visão social está presente na obra de Marx. Marx, Engels e todos aqueles que trabalharam. Agora, a luta dos contrários dentro da academia vai continuar, porque você tem contrários com uma visão reducionista muito ligada digamos ao meio físico, ao meio natural, ao meio socioambiental e você falta fazer ai uma ponte, e a ponte se faz como? Você trabalhando aquilo que a gente denomina, não sei se hoje fala esse termo mais, espaço geográfico, mais o espaço geográfico na minha visão de totalidade, de conjunto, e quando eu falo espaço geográfico totalizado eu estou filiando aquilo que eu acho fundamental, eu acho que nesse ponto eu dei uma pequena contribuição, é de criar um único espaço geográfico, uma única visão geográfica, de se trabalhar uma visão unitária do espaço geográfico, o meio físico e o meio social na interdependência, você vai buscar tudo no meio social você vai buscar uma práxis da comunidade, de você estudante inserido na comunidade, da comunidade acadêmica que tem a sua práxis dentro dos encontros nacionais, regionais, tem que lutar para buscar essa unidade de nós trabalharmos só uma realidade geográfica. Porque se você separar novamente vai continuar com essa visão reducionista de trabalhar uma linha geográfica que é uma linha lá de trás, uma linha da época tradicional, fica com uma visão reducionista seja no campo da geografia física, seja no campo da geografia humana. Não pode ter uma visão marxista na separação, porque o marxismo trabalha numa visão dialética de um todo, os princípios da dialética eu busco lá em Lenin, também busco em Hegel, até antes de Hegel. Agora, qual é a dificuldade hoje, de nós, não só dos estudantes, mas também dos profissionais? É que não conseguimos trabalhar essa realidade de conjunto, ainda falta uma capacidade maior. As pessoas falam que o marxismo desapareceu, a maioria delas pensam assim. Na realidade ele está vivo, o que está faltando é o conhecimento, a busca, o mergulho epistemológico, gnosiológico de aprofundar e buscar aquela realidade do todo, da uma conotação de totalidade. Por exemplo, quando resgatamos a mais-valia, quem falar que a mais-valia desapareceu é um absurdo. Dentro do contexto atual de globalização a mais-valia está mais do que presente, quando você tem uma terceirização até uma quarteirização da economia, as pessoas trabalhando e reduzindo o salário. Se tinha um salário 100% quando eu era trabalhador de fábrica, numa terceirização e reduziu-se o salário, a empresa reduziu para 80%, na quarteirização para 60% do salário que era 100%, isso é uma apropriação de mais-valia, então a mais-valia está presente. Manter um salário mínimo tão pequeno é uma mais-valia, se a pessoa não pula como um Saci–Pererê em todos os lados ela está perdida, porque realmente não se sustenta com esse salário

mínimo, não tem condições de sustentação, de formação profissional, de formação cultural, de sustentação do ponto de vista familiar ou individual, então o próprio salário mínimo é uma apropriação indevida da mais-valia.

No livro que eu escrevi "A Produção Geográfica em Goiás" eu apresento, no final, um estudo sobre a postura departamental, do departamento. Hoje as pessoas não aceitam uma geografia marxista, você não tem um debate filosófico e ideológico, o professor de geografia devia criar grupos de debates. Eu fiz essa tentativa quando eu fui chefe do departamento de geografia você sabe né? E eu tentei produzir um debate, um debate filosófico, ideológico, um debate científico, fiz uma relação de temas, isso foi quando eu retornei e introduzi isso e começamos a debater, começamos com um grupo com 18, 20 professores no IQG (Instituto de Química e Geociências) e depois no segundo encontro já estava reduzido a 12 e só teve até o terceiro e ficou reduzido a 6 pessoas, porque as pessoas não queriam vir para o período da tarde, o debate era feito no período da tarde porque de manhã haviam as aulas. Eu tentei introduzir na geografia a gente trabalhar em sala de aula com dois professores, eu fiz isso com a professora Clyce e com a professora Celene, trabalhamos a disciplina teoria geográfica durante seis meses e deu um resultado muito positivo. Então você vai olhar hoje, por que hoje não tem uma compreensão marxista na geografia? Falta uma base filosófica, a filosofia está faltando na nossa formação. A formação mesmo quando eu fiz o curso de filosofia, minha formação inicial foi uma formação dentro do idealismo, a filosofia idealista empregada pelos jesuítas na faculdade de educação, só que eu já estava à frente disso porque eu já tinha uma prática social vinculada ao Partido, vinculada a movimentos sociais, eu implementei também a filosofia do materialismo dialético.

Horieste, o abandono do marxismo pode abrir caminho para um recuo metodológico? Uma geografia liga**da ao mercado pode ganhar força?**

Olha o perigo realmente é muito grande devido justamente se a pessoa não tem a visão de conjunto do saber geográfico, se a pessoa não tem pelo menos uma base inicial, não falo uma base profunda, mas uma base mínima necessária da filosofia, essa base filosófica fundamental para ter uma visão de ideias, de conceitos, porque a filosofia trabalha muito a questão do papel dos conceitos, do valor dele, a representação dele, uma visão de homem, uma visão de mundo, uma visão de ser existencial, uma visão de existir.

Bom, então o perigo existe, porque no momento que a fragmentação no curso de geografia existe ela é desprovida de uma visão maior de integração geográfica do físico com humano, do humano com o físico, de uma visão de uma base filosófica necessária. A ideologia em minha opinião é que alimenta a nossa procura, tem que ter uma ideologia, tem que ter uma procura, e lá na frente tem aonde eu vou buscar. Eu tenho, por exemplo, uma visão do dragão, pegando aqui no Atlético, uma visão do passado, do presente e uma visão do futuro, que eu desejo que o dragão seja. O meu presente vai ser um fator determinante para chegar ao futuro, o futuro é a minha grande utopia de realização que eu preciso ter, eu tenho que ver o dragão lá em cima, porque eu coloco o dragão caminhando para a sul-americana, no inicio colocava até para libertadores, na atualidade é uma visão utópica, é uma visão que pode ser conquistada desde que o presente seja preparado por aqueles que são os detentores de manejar a máquina atleticana e eu sou um simples torcedor. Então eu tenho que ter uma visão do passado que eu vou buscar o pioneirismo, a construção, o papel da torcida, o papel da comunidade, a comunidade hoje no presente levando os filhos, os netos, os bisnetos, os amigos para torcer pelo dragão, é a comunidade do passado levando, formando gerações. Na geografia é a mesma coisa, se eu não tenho essa visão daquilo que eu vou realmente ter, e ai o perigo existe porque a pessoa entra no curso de geografia por várias razões, e ai vêm razões de ordem pessoal, de falta de estrutura econômica, - estrutura econômica é fundamental - a dificuldade de vida da pessoa, pessoas

desprovidas de emprego, e aí a busca pelo conhecimento é mínima, a pessoa não sabendo aproveitar o tempo mínimo, a globalização cada vez mais se apropriou do tempo e o comprimiu, se a pessoa não souber buscar esse tempo ela está perdida. Ela tem que buscar na biblioteca, tem que ler muito pra ter essa formação maior, a gente sabe que grande parte dos elementos não tem isso, estar buscando realmente é uma formação mínima necessária pra ter um emprego no Estado, prefeitura, num órgão de pesquisa, em uma empresa particular, agora, ao mesmo tempo é uma faca de dois gumes, porque o próprio sistema desse neoliberalismo ai, dessa globalização impõe o que? Competência, qualidade, ele quer qualidade na formação da pessoa e quem não tem qualidade o tempo não dá, o tempo é curto numa boa formação e a pessoa acaba perdendo essa capacidade de ter uma visão maior. Então o perigo existe, realmente é muito grande. Agora, eu acho que tem outro lado que é fundamental, a gente tem que lutar com essa visão, ao mesmo tempo em que eu luto com essa visão maior eu também sou eu, a minha individualidade, eu como individuo e como cidadão que tem uma visão de mundo, tem uma visão política, de cidadão, uma visão de democracia real e não de fachada, uma visão de socialismo real e não de fachada, uma visão de marxismo real não de fachada, então eu não posso renegar a minha individualidade, se não tem o perigo de ser realmente fragmentado por esse processo

A Geografia, desde sua institucionalização, teve e ainda tem várias tendências. O senhor entende que a Geografia Crítica foi uma tendência hegemônica a partir da década de 1980? Hoje ela perde força do ponto de vista da produção acadêmica e da militância?

Sim, desde a sua institucionaliza**ção** no ensino primário e universitário da Alemanha nos séculos XVIII e XIX, tendo por precursores Kant, Humboldt, Ritter e Ratzel, foram dados os primeiros passos no sentido de se formular um saber geográfico moderno que justificasse a existência de um novo conhecimento revestido de "fôro de ciência". Essa procura foi acompanhada por várias tendências que nós atribu**í**mos como correntes ou vertentes geográficas. A Geografia Crítica foi uma delas, que causou forte impacto na nossa categoria de "aprendizes de feiticeiro", na tentativa de anexar a dialética materialista, científica e histórica, no aprendizado geográfico, a partir do final dos anos 70. A questão do método de Henry Lefevre passa a ser o centro do debate geográfico. Geógrafos de renomes, a exemplo de Milton Santos que incorpora a variável espaço (1978) na Formação Econômica de Marx; de Ruy Moreira que argumenta ser o papel da Geografia, o de "servir para desvendar m**áscaras** sociais" (Civilização Brasileira, 1979). No seu importante livro O Discurso do Avesso (1987), Ruy critica a geografia que se ensina no Brasil como sendo

> "uma ciência de tudo, mas sem conteúdo; uma ciência de relação, mas dicotômica; uma ciência do real, mas cingida à aparência",

na qual o homem é visto como um simples consumidor e o Estado o sujeito da ação via planejamento estatal, razão pelo qual propõe o modelo marxista no qual as relações Homem-Meio e Homem-Homem se realizam por intermédio das relações econômicas nas esferas da produção e da circulação. No seu texto "Assim se Passaram 10 Anos, 1978-1988), ele identifica duas fases do movimento de renovação da geografia: a 1ª. do mergulho crítico nas raízes do discurso geográfico (lacosteana); a 2ª. o movimento perde ímpeto, sofre desaceleração e continuidade, vira oficialidade e se atrofia, concluindo que "a reformulação teórica avançou, todavia, a mudança permaneceu inconclusa". No presente, pela situação em que vivem as classes trabalhadoras da sociedade brasileira, aqui se inclui os profissionais do ensino, tanto na área da produção acadêmica quanto da militância, não tenho a menor dúvida que a tendência hegemônica que havia da geografia crítica entre a**s** demais correntes do pensamento geográfico,

infelizmente, diluiu bastante, a ponto de ser negligenciada.

Qual sua opinião sobre as tendências atuais da Geografia? Essa ciência consegue realizar uma boa interpretação da realidade mesmo havendo cada dia mais uma especialização precoce dos geógrafos?

Na minha opinião sobre as tendências atuais da Geografia, baseada na sua constatação de que "a cada dia haver mais uma especialização precoce dos geógrafos", fico a imaginar que essa postura imediatista só aumenta a "colcha de retalhos" (Ruy) do saber geográfico existente, pressa essa pequeno-burguesa, desprovida de um domínio maior da epistemologia e metodologia geográfica. Acrescentaria ainda, que à nossa categoria falta uma bagagem qualitativa de ordem filosófica, política e ideológica, razão pela qual a prática comunitária fica comprometida por permanecer mais tangencial aos apelos das comunidades nos seus movimentos sociais. E o pior, não conseguem ver que são as comunidades que nos oferecem os temas de nossas pesquisas, parafraseando Álvaro Vieira Pinto em Ciência e Existência.

Ao longo de mais de vinte anos a ditadura implantou a despolitização da juventude emergente brasileira a tal ponto que, apesar dos avanços da sociedade nos anos seguintes em termos de conquistas democráticas constitucionais, ainda perdura no âmbito nacional um conhecimento fragilizado de nossa história; um comportamento de aceitação do *status quo* vigente baseado no modo de produção capitalista, razão pelo qual ainda não adquirimos **à** condição de nação verdadeiramente democrática e soberana.

O senhor consegue vislumbrar algum caminho que essa ciência possa seguir?

Weder, apesar de estar desde 2008, parcialmente, fora do ambiente universitário no dia-a-dia em razão de minha aposentadoria pelo INSS, **é possível** detectar algumas linhas de pensamento geogr**áfico** a ser trilhado por professores e pesquisadores da academia; dos Institutos Federais; pós-graduandos e profissionais diversos atuantes na AGB, no CNPq, nos EREGEOS, em virtude da situação econômico-social em que vive atualmente o povo brasileiro, particularmente, as camadas menos assistidas pelo poder público, submetidas a uma economia inflacionária crescente e a uma pandemia que continua a ceifar vidas de brasileiros. Partindo do pressuposto de que são as comunidades em suas vivências cotidianas que nos oferecem os temas de nossas pesquisas, é possível vislumbrar alguns caminhos que a ciência geográfica possa trilhar. Vejamos: a pandemia atual faz-nos retroceder na história aos séculos XIV e XV da Idade M**édia** quando milhões de europeus, estimam em mais de 50 milhões, foram v**í**timas da "peste negra". Nos séculos XVII e XVIII, milhares de africanos e europeus perderam as suas vidas pelas chamadas "doenças tropicais" – malária, varíola, febre tif**óide,** sarampo etc. --. No início do século XX, a poliomielite causada por um vírus paralisava milhares de crianças. Na I Guerra Mundial, a gripe espanhola atingiu diversos países da Terra, incluindo o Brasil, estima-se em mais de 20 milh**ões** de mortos. Na II Grande Guerra, milhões de ucranianos foram vítimas do tifo, e tantos outros vírus e bactérias causaram milhões de vítimas. Em função da pandemia causada pelo coronavírus que mudou o mundo em que vivemos, tudo leva a crer que a linha proposta por Max Sorre em seu livro "Os Fundamentos Biológicos da Geografia Humana", na qual integra Epidemiologia a Geografia por meio dos estudos dos micro-organismos, complexos patogênicos causadores de doenças endêmicas e epid**ê**micas, voltar**á** à tona. O mesmo pode-se dizer quanto a abordagem da fome carencial e endêmica no Brasil, analisada por Josué de Castro em seu livro Geografia da Fome, e também no plano mundial com a Geopolítica da Fome. Luís Câmara Cascudo e Antônio da Silva Melo são outros dois expoentes que abordaram com profundidade a questão alimentar no Brasil.

No que tange **à** condição de natureza econômico-social do povo brasileiro, o estado de "carências" em que se encontra em decorrência da crescente inflação que gera mais pobreza e desemprego, hoje na casa de mais de 12 milhões de desempregados; da ausência de políticas públicas permanentes aplicadas a sanar, pelo menos minimizar, as péssimas condições infra-estruturais em que se encontra a quase totalidade das cidades do país; assim como por um ponto final **à continuidade da devastação p**rogressiva e acelerada da Floresta Amazônica e de outros biomas nacionais, pelo agronegócio, por madeireiros e garimpeiros que se apossam das terras indígenas, juntamente com a violência criminal generalizada sob todas as suas formas na cidade e no campo, est**ão** a clamar por soluções urgentes. Tudo leva a crer que pelo menos teremos um novo despertar para estudos e pesquisas geográficas e afins direcionados a essas temáticas.

Finalmente, cabe aqui registrar que no interior dos representantes de nossa categoria, assim como nas demais categorias de profissionais de **áreas** afins, a busca por alguns de procurar incorporar o materialismo histórico **à** ciência geográfica via processo do movimento social quantitativo (reivindicatório) e qualitativo (transformador), vai depender em muito do crescer da própria sociedade brasileira em termos de "politização", a fim de que segmentos mais politizados e organizados nela existente, como agentes da transformação social possam fazer do Brasil uma nação verdadeiramente livre, democrática e soberana, que, aos poucos, via processo histórico democrático irá sanando as profundas mazelas sociais que recaem sobre o povo brasileiro.

Para além da Geografia o senhor escreve sobre diversos temas, já publicou inúmeros livros, entre eles um sobre o Atlético Goianiense. Qual a importância do futebol e do Atlético na sua história?

Quando eu busquei retratar em meus livros sobre as raízes culturais da Campininha das Flores – atualmente são cinco os editados e mais três prontos para ir a fornalha -- fui levado por um sentimento de afeição à tudo aquilo que havia de significado de bom, de bem e de belo naquela comunidade tão fraterna e solidária, amparada por um recorte preservado e bucólico da Mãe-Natureza.

Em 1939, aos sete anos de idade, com os meus pais e irmãos chegamos à Campinas já transformada em bairro de Goiânia. Ao completar 10 anos eu já estava assistindo treinos dos jogadores do Atlético num campo-de-terra próximo a residência onde morava. Em 1944, assisti no Estádio Antonio Accioly o Atlético sair vencedor contra o Goiânia por 4x3, no primeiro campeonato promovido pela Federação Goiana de Futebol. Daí prá frente a minha paixão pelo Dragão e pelo futebol só aumentou, e se consolidou com o meu ingresso no seu time Juvenil do Atlético, onde joguei por cinco anos (1947-52) e no qual conquistamos dois campeonatos. Deixo registrado, sem falsa modéstia, que eu era bom de bola, pois, herdei as habilidades que o meu querido pai possuía quando jogador no oeste do Estado de São Paulo: a de ser ambidestro, por conduzir, driblar e chutar a pelota com os dois pés, além de ser técnico e ter uma visão abrangente dos jogadores e do campo. Também, é preciso assinalar que os moradores da malha urbana do bairro possuíam quatro lugares de sua afeição e preferência: a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, a Praça Joaquim Lúcio, o Cine Campinas sendo o principal entre os demais que existiam na Campininha, e o Campo do Atlético com os seus jogadores exercendo sobre nós torcedores uma atração mágica que chegava à idolatria.

Quanto ao futebol como sendo uma determinada modalidade esportiva hoje praticada em quase todos os países da Terra, considero ser de um valor importantíssimo para o desenvolvimento do corpo e da mente de nossas crianças, adolescentes e jovens, razão pelo qual deveria ter todo o amparo social de nossas autoridades administrativas.

Quando praticado com lisura entre aos jogadores, portanto, digno de ser visto aos olhos dos torcedores, merece todo o nosso respeito e incentivo. No meu entendimento o futebol deve ser um “esporte para o povo”, no qual o trabalhador de baixa renda possa assisti-lo, e não “futebol-empresa” que faz do jogador uma mercadoria rentável de compra e venda no mercado capitalista.